

REFLEXÕES SOBRE ‘OS LUGARES’ DOS GRUPOS DE TRABALHO TEMÁTICOS E ‘OS AVANÇOS’ DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Mauro Myskin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Preâmbulo

Este texto traz uma versão da minha intervenção na mesa intitulada “25 anos de GTTs: memórias e lições para o futuro”⁸⁷ na programação do Simpósio Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: 25 anos dos Grupos de Trabalho Temático, ocorrido no período de 17 a 19 de setembro de 2022, na Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, Minas Gerais. Embora seja um texto que tenha sido iniciado e desenvolvido na relação individual com as provocações da ementa da mesa, ele contempla reflexões produzidas em diálogos com colegas após a sua apresentação.

A ementa que foi apresentada como provocação para o desenvolvimento da mesa demandava análises acerca do papel dos Grupos de Trabalho Temáticos (GTTs) na consolidação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) como entidade científica e reflexões sobre as perspectivas de avanços de caráter multi, inter e transdisciplinar na produção de conhecimento na área da Educação Física. Junto comigo, na mesa, assumiu o desafio de tratar dessa provocação, a Professora Beleni Salette Grando da Universidade Federal do Mato Grosso, com a coordenação do Professor Augusto Cesar Rios Leiro da Universidade Federal da Bahia.

Antes de iniciar a apresentação das reflexões, parece-me importante destacar o posicionamento da autoria. Faz muito sentido mencionar minha trajetória nas instâncias do Colégio, para sublinhar que não se trata ‘da análise’, mas de ‘uma possibilidade de análise’ que tem o propósito de provocar entendimentos acerca da ementa da mesa.

Minhas ‘portas de entrada’ no CBCE foram os eventos regionais. Em 2003 participei do Pré-Conbrace Sul realizado na cidade de Pato Branco, Paraná; Em 2004 estive apresentando trabalhos no Sulbrasileiro de Criciúma, Santa Catarina; em 2006 apresentei trabalhos no Sultrasileiro de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Foi uma aproximação na relação com o GTT Comunicação e Mídia, pois eu realizei o curso de mestrado nessa linha de pesquisa, no Programa de Ciência do

⁸⁷ Agradeço pelo convite e pela oportunidade de apresentar algumas aprendizagens e análises. Esses convites representam um reconhecimento uma aposta em termos de confiança a respeito das possibilidades de contribuir. Deixo um agradecimento especial para a Professora Gislene Alves do Amaral, Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, e para a Professora Cristiane Garcia Macedo, Diretora de Grupos de Trabalho Temático da Entidade.

Movimento Humano da Universidade Federal de Santa Maria, vinculado a um Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Mídia, coordenado pela Professora Marli Hatje, Professor Roque Luiz Moro e Professor Sérgio Carvalho.

Em 2009, volto a participar de atividades do Colégio como aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro do Grupo de Estudos Socioculturais (GESEF) dessa instituição. Meu orientador foi o Professor Marco Paulo Stigger e, naquele ano, para o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conbrace/Conice), ele atuava, em conjunto com outros membros, nas atividades de avaliação, seleção e organização dos trabalhos que seriam apresentados no GTT Recreação e Lazer (ainda era esse o título do Grupo). Observando e tentando colaborar, ali passei a entender um pouco mais como funcionava um Grupo Temático do CBCE, agora não apenas como autor e apresentador de trabalhos nos eventos.

No Conbrace/Conice de 2011, em Porto Alegre, participei da Comissão Organizadora dos eventos, cuja estrutura de trabalho organizativo estava baseada na coordenação de atividades por Grupos de Pesquisa da Escola de Educação Física. Nesse evento, mobilizado e motivado pelo orientador, tornei-me membro do Comitê Científico, coordenado naquele momento pelo Professor Silvio Ricardo da Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 2013, assumi a coordenação do GTT Lazer e Sociedade na companhia do colega Luciano Pereira da Silva, docente da Universidade Federal de Minas Gerais. Passei, junto com muitos e muitas colegas da área dos Estudos do Lazer, pela experiência de construir um Plano de Trabalho e, depois, durante dois anos, desenvolver esforços para colocá-lo em ação.

Por convite da Professora Simone Rechia, da Universidade Federal do Paraná, passo a compor a equipe da chapa eleita para a gestão 2015-2017 do CBCE. Com a eleição efetivada, na equipe da Direção Nacional assumi o lugar da Coordenação dos GTTs do CBCE, que não era prevista estatutariamente como ‘parte da chapa’, mas já vinha sendo considerada dessa forma. Envolvi-me intensamente no desafio de criar condições para o trabalho dos GTTs, ao mesmo tempo em que demandava deles muito trabalho colaborativo. Em 2017, fiz parte da chapa que concorreu à Direção Nacional do CBCE, esta encabeçada pelo Professor Vicente Molina Neto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa nova participação na Direção Nacional – aprovada pela comunidade do Colégio – ocupei o lugar de Vice-Presidente, com a tarefa e o compromisso de trabalhar para dar suporte tanto ao presidente como às demais diretorias e instâncias da entidade.

Em 2019, ingressei como membro do Comitê Científico do GTT Políticas Públicas, onde permaneço, tentando colaborar de alguma maneira, juntamente com os(as) colegas capitaneados(as) pelo Professor Ednaldo Pereira Filho. Ao todo são 19 anos de aprendizagens coletivas nessa Entidade.

O que trago para esta mesa de debates está marcado por essa trajetória, tendo em vista a seguinte interrogação: Quais os lugares dos GTTs na consolidação do CBCE e quais as práticas e repertórios de avanços? Para dar conta dessas perguntas, apesar da temporalidade que retratei, as análises aqui presentes – ainda de caráter insipiente e ensaísta – serão sincrônicas, com ‘idas e vindas’, mobilizando memórias das experiências, relatórios, arquivos diversos, dados de estudos (artigos, trabalhos de anais de eventos, capítulos de livros, livros, dissertações, teses) e entrevistas disponíveis no CBCE *OnRadio (Podcast)*. Organizei a exposição dos argumentos em duas partes: a primeira orientada para análises e reflexões acerca dos lugares dos GTTs no CBCE; a segunda direcionada para construção de repertórios de avanços, considerando um conjunto de imperativos de justificação.

Sobre ‘os lugares’ dos GTTs

Nesta primeira parte, proponho-me a tratar dos lugares dos Grupos de Trabalhos Temáticos na constituição e, sobretudo, na consolidação do CBCE como Associação Científica relevante para a Educação Física Brasileira, um país sabidamente muito diverso, desigual e repleto de discriminações em que pense a garantia dos direitos sociais. Isso ocorrerá com base em dois argumentos: o primeiro trazendo experiências articuladas com estudos sobre/no GTT Lazer e Sociedade (2009-2013); o segundo também mobilizando experiências articuladas com estudos sobre GTT Políticas Públicas (2019-2022). Em ambos os argumentos trarei articulações com o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) e com o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Quando for tratar do GTT Políticas Públicas, mobilizarei também as relações com o Centro de Desenvolvimento de Pesquisas sobre Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Rede CEDES do Rio Grande do Sul (Rede CEDES).

O primeiro passo que dei foi olhar para as atribuições dos GTTs definidas no Art. 8º do Regimento Interno (CBCE, 2007). Organizei essas atribuições em dois eixos que me parecem representativos dos ‘lugares’ dos GTTs, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Representação dos ‘lugares’ dos GTT’s no CBCE

Lugares	Atribuições
A produção de conhecimentos	a. Aglutinar pesquisadores com interesses comuns de estudos e pesquisas;
	b. Fomentar e organizar a reflexão, a produção e a difusão de conhecimento;
	e. Estabelecer intercâmbio científico com outros GTT’s;
A produção da Entidade	c. Trabalhar em consonância com os princípios e pressupostos que orientam a política científica do CBCE;
	d. Subsidiar o CBCE/DN em assuntos e ações relativas à sua especificidade, sempre que solicitado;
	f. Estabelecer intercâmbio científico com outras entidades científicas que se ocupam de temas congêneres.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Regimento Interno dos GTT’s (CBCE, 2007)

Uma vez identificados esses ‘lugares’, o que tem a ver com ‘a experiência cebeceana’, arrisquei-me a textualizá-los, o que é uma atitude um tanto arbitrária, mas ao mesmo tempo necessária para avançar na reflexão.

‘O lugar’ do GTT dado pela **produção de conhecimentos**, dá-se no duro trabalho de organização dos eventos (Conbrace, Conice, Eventos Regionais, Programação na SBPC, Fórum de Pós-Graduação, Simpósios e diversos outros) e outras mobilizações (como, por exemplo, organização de coletâneas e dossiês) orientados por temáticas caras à Educação Física, tendo como referência o diálogo, a inter, a multi e a transdisciplinaridade, como um esforço constante de enfrentamento à fragmentação disciplinar, com os pés na intervenção pedagógica. Diz sobre o agrupamento de pessoas com ‘interesses comuns’, porém abertos para múltiplos questionamentos, abordagens e potencialidades de contribuições em termos de produção científica.

Já ‘o lugar’ do GTT como **produção da entidade** se dá no sentido de que esse ‘modo de pensar’, a produção de conhecimentos ‘se instala’ na organização administrativo-política para além dos eventos, como instâncias do próprio Colégio, com seu regimento interno. Nessa relação, de

um lado, os GTTs, com seus acúmulos e redes, têm a possibilidade de induzir ‘a Entidade’ a posicionar-se ou a ‘caminhar’ em determinada direção; de outro a Direção Nacional tem a possibilidade de chamar, engajar os GTTs a produzirem elementos relevantes para a existência do Colégio, tendo em vista sua responsabilidade acadêmica e política na constituição da Educação Física e na garantia de direitos sociais num país tão diverso e tão implicado por discriminações.

Uma vez definidos esses ‘lugares’, passo a tratá-los como **ordens de grandeza**, que possibilitam sair da singularidade para a coletividade das ações (princípios de aproximação, de comunidade, de engajamentos)⁸⁸. A ‘produção do conhecimento’ científico orientado para as temáticas e a ‘produção da entidade’ orientada para a constituição de uma área de intervenção, são, então, entendidos como ordens de grandeza, estas mobilizadas para coordenar, ordenar, definir estados e posições (de quem é ‘grande’ e ‘pequeno’), contemplando, cada uma delas, suas gramáticas e competências, seus repertórios e seus dispositivos, colocados em prática mediante de imperativos de justificação, tal como explorarei na próxima seção. Não se trata de atividades técnicas, mas de construções históricas, culturais, sociais e políticas gestadas ao longo da existência do CBCE.

Definido isso, enveredo minha argumentação para como essas ordens de grandeza são praticadas ou performadas nas ações coletivas, tendo como referência as duas experiências: uma no GTT Lazer e Sociedade (2009-2019) e outra no GTT Políticas Públicas (2019-2022). Essa escolha foi inspirada na pesquisa que resultou na tese de doutorado da Professora Raquel da Silveira, defendida em 2016 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SILVEIRA, 2016).

GTT Lazer e Sociedade

Num capítulo de livro publicado em 2015, resultado de um momento em que o CBCE estava envolvido nas discussões sobre os Programas de Pós-Graduação (PPGs) e a Educação Física brasileira, os grupos foram provocados a analisar e a refletir sobre suas relações com os PPGs. Nesse contexto, analisei três edições dos Anais do Conbrace/Conice (2009, 2011, 2013) com o objetivo de tecer análises sobre como o GTT Lazer e Sociedade tem se constituído enquanto espaço de estudos e de produção de conhecimentos (MYSKIW, 2015).

Naquele momento, com os dados empíricos e as análises desenvolvidas, cheguei a uma primeira conclusão de que existia um ‘grande grupo’ com ‘participação eventual’ (numa edição) e de um ‘pequeno grupo’ com ‘participação engajada’ (recorrente nas diferentes edições). No ‘grande grupo eventual’ aqueles que estavam na formação inicial ou que recentemente haviam ‘passado por

⁸⁸ A reflexão tecida neste texto está articulada pela relação com as obras de Luc Boltanski e colaboradores (BOLTANSKI, 2000; BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009; BOLTANSKI, THÉVENOT, 2020).

ela'; no 'pequeno grupo engajado' se notava a relação com a Pós-Graduação *stricto sensu*. No desenrolar das três edições, eu percebia, ainda, um aumento de pessoas com mestrado e doutorado (em andamento e concluído).

O trabalho desenvolvido pelo colega Júnior Vagner Pereira da Silva, publicado em 2020 (SILVA, 2020) na forma de capítulo da coletânea de comemoração dos 40 anos do Colégio, a meu ver, reforça esse movimento. Júnior analisou o quadro de associados vinculados, no banco de dados da Entidade, ao GTT Lazer e Sociedade (233 pessoas; 4,95% do total). Mestres, mestrandos, doutores e doutorandos eram titulações predominantes e, segundo a interpretação que faço, diziam sobre o grupo mais engajado que não apenas se inscreve nos eventos por ocasião da apresentação do trabalho no GTT, mas que se associa à entidade, isto é, aqueles que 'não são eventuais'.

A configuração do GTT como esse lugar alimentado pelo 'pequeno grupo engajado', aliás, tinha outra característica também capturada pelo estudo realizado pelo colega Júnior (2020). Assim como o Júnior, em 2015, quando eu olhava para a origem dos trabalhos, percebia o protagonismo de cinco Instituições de Ensino Superior (IES), de um total de 28 identificadas. Quase 55% dos trabalhos mostravam vínculos com essas cinco IES. Diante dessas informações, investiguei a relação dos(as) autores(as) com os grupos de pesquisa, quando notei que quase 60% dos trabalhos estavam relacionados a 11 grupos, dos 28 identificados. Isso reforçava a representação de que o GTT Lazer e Sociedade era um 'lugar de encontro' entre IES/Grupos, que, por sua vez, tem em seu núcleo um coletivo com vínculos mais engajado com os PPGs. Devido a isso, não foi difícil identificar que grande parte dos(as) coordenadores(as) dos grupos eram docentes de PPGs e que havia uma predominância regional (Sul e Sudeste).

Pela participação engajada, não foi surpresa identificar que as discussões empreendidas nas três edições acessadas foram marcadas por dois eixos específicos, estes caros aos grupos envolvidos identificados (um efeito de 'lugar ocupado' pelos 'grupos engajados'). Mais da metade dos trabalhos (53,7%) das três edições dos eventos estavam voltados para discussões sobre o lazer como um lugar de formação de sujeitos e de produção cultural. Outro tanto (23,9%) vinculados a debates sobre o lazer nos espaços urbanos e 'na natureza'. Porém, em que pese essa 'ocupação e apropriação temática', eu observava uma heterogeneidade de estratégias de produção empírica (observações, entrevistas, documentos, questionários, diários de campo, relatórios) e de abordagens empreendidas, condizentes com 'a razão de existir' dos GTTs.

Não significava a ausência de outras temáticas e questões ou formas de produção, mas que determinadas 'agendas acadêmicas' se sobressaíam, colocando uma necessidade de, pelo menos, estranhar e de problematizar noção de 'interesses comuns', para colocar em evidência os esforços para agregar os 'interesses incomuns'. A tese de doutorado da colega Aline Tschoke, defendida em

2016 na Universidade Federal do Paraná, aprofunda bastante a respeito da construção dos interesses a partir das trajetórias de pesquisadores(as) de grupos bastante presentes no GTT Lazer e Sociedade. Com uma riqueza empírica, Aline descreve dados de entrevistas com líderes e membros de sete grupos de pesquisas e de universidades engajados no GTT Lazer e Sociedade, mostrando tanto a construção dos interesses de cada um, como a dinâmica de ‘apadrinhamento acadêmico’ que se desdobra na própria composição do GTT.

Então, parecia-me possível afirmar que, nas suas práticas, o GTT performava um ‘lugar de encontro’, mas que esse lugar configurava uma determinada apropriação (mais homogênea em termos de questões e mais heterogênea em termos de modos de produção empírica e de abordagens), a qual não estava isenta de tensões e reclamações, especialmente vivenciadas após as publicações das listas de trabalhos aprovados para apresentações como Comunicações Orais. Ocupando o lugar de coordenador pude escutar uma série de recomendações e de reclamações que diziam sobre ‘monopólios’, ‘panelinhas’, ‘espaços de poder’, demandas de ‘maior oxigenação’ dos debates, de ‘mais capilaridade’, de ampliação da ‘representatividade’ dos grupos e das/os pesquisadoras/es, entre outros.

Instigado a justificar, eu argumentava que havia sido feito um esforço de divulgação, com listas de e-mails de outros eventos, listas de e-mails de periódicos, listas do próprio Sistema Online de Apoio a Congressos (SOAC); que nas formas de avaliação de trabalhos, preocupações foram apontadas e cuidados tomados (formulários, fases, processos). De outra parte, trabalhos vinculados a ‘grupos engajados’ que não eram aprovados também não raramente suscitavam imperativos de justificação, a arregimentação de princípios de equivalência.

Olhando para os imperativos e para a própria experiência, diria que vivenciei e pude coordenar – no sentido de colocar em ação um trabalho de comprovação – isto é, de colocar em ação uma grandeza – marcada pelo lugar de produção acadêmica. Ainda que estivéssemos sendo provocados para pensar sobre as relações com os Programas de Pós-Graduação, com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), quando retomo o relatório da gestão do GTT e as centenas de arquivos, vejo um menor esforço de comprovação do grupo para a produção da entidade. Quando passo a olhar para a relação do Grupo de Pesquisa do qual faço parte isso faz sentido (é verossimilhante).

Atualmente coordeno, juntamente com as professoras Ariane Corrêa Pacheco, Marília Martins Bandeira e Raquel da Silveira, o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse grupo foi criado em 2001 pelo Professor Marco Paulo Stigger num estreito vínculo de estudos etnográficos nas práticas esportivas nos lazers e se desenvolveu na relação com o Programa de Pós-Graduação em Ciências

do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS). Para a comemoração dos 40 anos do CBCE (coletânea), a Professora Raquel, o Professor Stigger e eu produzimos um texto com o propósito de analisar a relação do GESEF com o GTT Lazer e Sociedade, tendo em vista as implicações para ambos e para a produção de conhecimentos, também pelo fato de, ao longo da sua trajetória, ‘o Grupo’ colocar os eventos do CBCE entre as prioridades de participação, o que envolve dinâmicas de ‘apadrinhamento acadêmico’ na linha do que a professora Aline analisa em sua tese.

Entre 2003 e 2018 os membros do GESEF tinham publicado 22 trabalhos nos Anais do Conbrace/Conice e dos Sulbrasileiros (este último tomado como ‘porta de entrada’ dos/nos GTTs e no CBCE). A análise dessa ‘participação engajada’ nos possibilitou chegar à conclusão de uma noção de coprodução: 1) nas reuniões e debates nos encontros dos grupos; 2) nas trajetórias formativas no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano; nos encontros do GTT Lazer e Sociedade, nas relações com outros(as) pesquisadores(as) e Grupos de Pesquisa. Concluímos que a consolidação das linhas de investigação do GESEF e de sua produção de conhecimentos aconteceu na interface com o GTT Lazer e Sociedade e, ao mesmo tempo, do PPGCMH/UFRGS.

Mas, além disso, o GTT Lazer e Sociedade foi um ‘possibilitador para outros’ vínculos. Tendo em vista isso, é possível acreditar, no caso do GTT Lazer e Sociedade – aqui recorro a uma percepção carente de uma sistematização empírica mais robusta – que pesquisadores(as) e grupos foram constituindo e se engajando em outros ‘lugares de encontro’, cada um deles atravessados por suas dinâmicas. Eu, por meio das relações constituídas no GTT do CBCE, passei a fazer parte de outras entidades ou circuitos acadêmicos, entre elas, vale mencionar a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL). Assim, se é possível dizer que as inconformidades a respeito dos núcleos que, ao constituírem o GTT, apropriam-se dele, distanciam ou refratam pessoas e grupos, também é possível dizer que esse ‘lugar de encontro’ também possibilita outras participações, engajamentos e pertencimentos.

GTT Políticas Públicas

A experiência no GTT Políticas Públicas é diferente daquela que vivenciei, coordenei e produzi no GTT Lazer e Sociedade. Vou trazer descrições para demarcar essa diferença, principalmente para argumentar que no GTT Políticas Públicas, deparei-me com um trabalho marcado pela ‘produção da entidade’ como ‘lugar’ no CBCE. Na linha do que estou argumentando, trata-se de outra performance como um arranjo relativamente estável de pessoas, Grupos de Pesquisa, Programas de Pós-Graduação, IES, Governo (Rede Cedes).

Para tratar do GTT Políticas Públicas, cabe-me retomar alguns trabalhos que já se debruçaram a compreendê-lo. Em 2009, os professores Fernando Starepravo, Ricardo Sonoda Nunes e Wanderley Marchi Júnior apresentam um trabalho com o objetivo de olhar para a agenda de pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer, pois identificaram que, no contexto desse GTT, estavam diante de um aumento quantitativo da produção, este relacionado à criação do Ministério do Esporte e da Rede Cedes, mas que havia uma necessidade de análise qualitativa sobre as temáticas abordadas e as perspectivas teóricas mobilizadas (STAREPRAVO, NUNES, MARCHI JÚNIOR, 2009). Assim, optam por analisar os trabalhos apresentados e publicados nos Anais do GTT Políticas Públicas do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) de 2007, realizado em Recife. Observaram uma predominância de análises de programas federais e das políticas municipais de esporte e lazer (havia uma agenda). Além disso, os autores destacam maior investimento na produção da empiria, contudo sem ainda um diálogo consistente com a literatura e, quando isso está presente se valoriza, numa perspectiva crítica, o peso de uma estrutura econômica social, colocando a empiria em segundo plano (havia uma perspectiva proeminente).

Ainda nesse ano de 2009, no formato de um capítulo de livro, o professor Marcelo Húngaro e colegas publicaram uma pesquisa sobre os trabalhos publicados no GTT Políticas Públicas em cinco edições do Conbrace, de 1997 a 2005 (HÚNGARO *et al.*, 2009). Por meio de suas análises, concluíram que havia um reduzido número de autores(as) doutores(as), algo preocupante para um Congresso Científico que deveria reunir pesquisadores(as) experientes. Além disso, não observaram, nos cinco congressos, um movimento de aumento de doutores(as). Notaram, também, predominâncias regionais (Sudeste, depois Nordeste e Sul).

Olhando para os trabalhos, Marcelo Húngaro e colegas identificaram um predomínio de pesquisa documental, às vezes associadas com outras estratégias, outras não. Destacaram um significativo número de relatos de experiência (20% nos cinco eventos) e, mesmo nos textos que se empenhavam em análises, identificam pobreza categorial, ecletismo, descrição e reducionismos. Em que pese essa situação dos textos, os autores chamam a atenção para um amadurecimento da produção de conhecimentos, o que ocorria na relação com a constituição da Rede Cedes (ação programática do Ministério do Esporte). O GTT vinha colaborando para o desenvolvimento de competências acadêmicas capazes de qualificar o saber produzido, porém, uma produção que se articulava com as questões de governo, havendo uma subordinação e uma natureza militante, caracterizada pela necessidade de denúncia como estratégia de afirmar a relevância da democratização (compromisso social). No final do texto, os autores salientam que o fortalecimento da Rede Cedes é percebido como caminho para a articulação para além dos Conbrace's (permanente, 'não eventual', nos termos que estou utilizando aqui).

Na pesquisa desenvolvida pelo Professor André Malina e colegas (publicada na coletânea de 2015 sobre os Desafios da Pós-Graduação em Educação Física), os autores investigaram as publicações presentes nos Anais de três edições (2009, 2011, 2013) do Conbrace/Conice, também no GTT Políticas Públicas. Eles propõem um olhar sobre as produções desse GTT, tendo como objetivo analisar elementos da perspectiva teórica da produção de conhecimentos. Nessa investigação, os autores perceberam que a maior parte deles, próximo de 70%, não possui referencial teórico que concatenasse a produção. Daqueles que possuíam, dois terços orientavam suas produções na relação com referenciais marxistas, na linha do que já foi mencionado pelo trabalho de Starepravo, Nunes e Marchi Júnior (2009), porém com diminuição no decorrer das três edições, com outras obras emergentes, entre elas as de Pierre Bourdieu e Norbert Elias.

Além desse olhar para os trabalhos, sublinho outros ‘achados’ importantes para a compreensão do grupo. Dentre eles, destaco a significativa presença de graduandos, mas um crescente número de mestres e uma estagnação do número de doutores entre as três edições. Da mesma forma que o trabalho de Húngaro *et al.* (2009), Malina e colegas expressam preocupações com a ausência dos(as) doutores(as), especialmente os(as) pesquisadores(as) orientadores(as), relacionando esse ‘afastamento’ com as estratégias de avaliação dos Programas de Pós-Graduação instituídos pela Capes (especialmente a área 21). A maior parte dos autores se encontrava vinculado a Grupos de Pesquisa (68,4%), com 70% deles relacionados a Universidades Federais e Estaduais, a maioria nos Estados da região Sul, Sudeste e Nordeste. Os autores sublinham também a relevância da Rede Cedes no fortalecimento dessa articulação dos grupos de pesquisa.

O que esses três trabalhos me ensinam, na linha do que o professor Fernando Starepravo aponta na sua tese de doutorado (defendida em 2011, na Universidade Federal do Paraná, que também analisa dados empíricos da primeira década do século XXI), o GTT constituiu-se como um dos principais fóruns de discussão sobre Políticas Públicas de Esporte e Lazer (uma ‘posição de valor simbólico’), com aumento quantitativo de trabalhos e com a presença de novos agentes emergentes no seu Comitê Científico e, portanto, no próprio subcampo científico. Nesse universo, tal como argumenta o Fernando, a criação do Ministério do Esporte e a Rede Cedes deram fôlego extra, fazendo com que mais pesquisadores(as) estivessem engajados.

É possível entender que eu passo a fazer ‘desse subcampo’ e a incorporar ‘o jogo’, inclusive de uma atividade militante, pela minha participação como membro pesquisador (2016-2018) e, depois, coordenador (2018-2019), do Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Rede Cedes do Rio Grande do Sul, justamente pelo envolvimento do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS), junto com outros Grupos/IES do Rio Grande do Sul (UNISINOS, UERGS, UFPEL, UFSM). É ‘por aí’ que me

desloco do GTT Lazer e Sociedade para o GTT Políticas Públicas, participando deste como membro do Comitê Científico desde 2019, mobilizando – no sentido do ‘apadrinhamento acadêmico’ – meus/minhas orientandos(as).

Mas o importante a ser enfatizado aqui é que, olhando para os estudos que analisaram o GTT Políticas Públicas e aproximando eles da experiência vivida no Comitê Científico, percebo um trabalho e, portanto, um lugar do GTT, que coloca a ‘produção da Entidade’ como um princípio de grandeza diria, robusto. Não há dúvidas de que o lugar do GTT como performance da ‘produção de conhecimentos’ é relevante. Contudo, tal como tenho vivenciado, ele entra mais significativamente na agenda, como ordem de grandeza e imperativos de constrangimentos, nos momentos de realização dos eventos (Conbrace/Conice, SBPC, Sulbrasileiro) ou na articulação de dossiês em parcerias dos periódicos da área (como ocorreu em relação a revista *Motrivivência e CorpoConsciência*). A produção de conhecimentos como princípio de equivalência para avaliar, distribuir e posicionar as pessoas, os Grupos, os trabalhos, se adensa pelos imperativos dos eventos (incluindo aí as discussões a respeito dos formatos e diretrizes) e nos imperativos de publicações em periódicos, o que envolve a articulação pesquisadores (as) e Grupos de Pesquisa.

A respeito dos eventos, olhando para o princípio de grandeza, nas avaliações de encerramentos dos trabalhos nos dois últimos Conbrace/Conices que vivenciei, continuamos destacando que, embora se observe um coletivo e determinadas agendas e apesar de se notar amadurecimento, é perceptível a carência de densidade, de base teórica sólida, de compromissos metodológicos concatenados, a recorrência de trabalhos descritivos, sem avanços em termos abstrações mais potentes (reducionismos, pobreza categorial, ecletismos). Muito embora se identifique a articulação das pessoas presentes e dos trabalhos apresentados com grupos de pesquisas (um conjunto relativamente estável deles), continuamos sublinhando a ausência ou afastamento dos(as) pesquisadores(as) mais experientes, orientadores(as) e os impactos disso nos eventos científicos.

Mas o que quero enfatizar é que além dos imperativos dos eventos, um conjunto de outros mobiliza as pessoas do comitê durante o ano todo. Em reuniões mensais e, não raramente, quinzenais ‘o Grupo’ é frequentemente interpelado a se posicionar sobre determinado assunto, a colaborar, com base em seu acúmulo e suas redes, com demandas apresentadas pela Direção Nacional e por outros GTTs, sobretudo em assuntos que envolvem as Políticas Públicas e direitos sociais. Esses imperativos ‘brotam’ no Grupo de *WhatsApp* ‘Wagner Matias’. Embora eles ocupem pouco espaço nos Planos de Gestão (2019-2021 e 2021-2023), quando observo as atas das reuniões e me recordo delas, percebo o grande esforço do coletivo em colaborar para que o Colégio tenha protagonismo em vários debates relevantes para a Educação Física brasileira (exemplos: a nova lei

de regulamentação da profissão; a aprovação do Plano Nacional do Esporte; a temática do Conbrace/Conice em tempos de ataques aos direitos; os ataques ao PIBID; a implementação do 'novo Ensino Médio'; a participação na transição de governo).

Nesse contexto, percebo como, ao me colocar em diversas reuniões, aciono uma gramática específica e menciono as atuações do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física e o Centro da Rede Cedex do Rio Grande do Sul nas ações e intervenções Políticas na Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, na Assembleia Legislativa Estadual, nas Frentes Parlamentares Municipal e Estadual em Defesa do Esporte e do Lazer e, mais recentemente, nas Conferências Municipais de Esporte e Lazer de Porto Alegre. Ao fazer isso, destaco essas ações como parte do próprio GTT Políticas Públicas, o que faz sentido.

Compósitos: deslizamentos e sobreposições

O que procurei trazer até aqui é que, nas descrições e análises ainda ensaísticas sobre 'os lugares' dos GTTs na constituição do CBCE, duas ordens de grandezas são relevantes: 1) a produção de conhecimento e 2) a produção da entidade. Essas ordens funcionam como princípios de equivalência para que as questões apresentadas nas situações cotidianas se desloquem de algo singular/particular para a qualificação de uma questão coletiva (que aproxima uma comunidade, que produz engajamentos).

Para caracterizar a performance (como os princípios de equivalência são colocados em prática) dessas ordens, descrevi situações de dois grupos temáticos (Lazer e Sociedade e Políticas Públicas), com o intuito de mostrar que a maneira como cada um deles (num determinado momento e com determinadas pessoas, objetos e dispositivos) produzem composições distintas, deslizando e, por vezes, sobrepondo as duas ordens de grandeza, cujos compósitos se relacionam com imperativos de atuação e justificação (realização de eventos, perdas de direitos, publicações em periódicos ou coletâneas etc.).

Sobre 'os avanços' do CBCE

Para caminhar na reflexão sobre os lugares dos GTTs, agora na perspectiva de tratar de 'avanços', vou acionar uma noção de comprovação das duas ordens de grandezas já descritas, delimitadas e, em certa medida, descritas por meio de suas práticas em dois GTTs. Para isso, vou partir da seguinte interrogação: quais os imperativos de justificação que têm demandado esforços e repertórios de comprovação a respeito dos dois princípios de grandeza como equivalentes de

engajamento de comunidades (GTTs), em que pese os ‘avanços’ do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte como Entidade Científica?

Estou entendendo como comprovação⁸⁹ as situações nas quais os princípios de grandeza aqui fundamentados (“produção de conhecimentos” e “produção da entidade”) são colocados em prática, fazendo entrar em ação pessoas, objetos, histórias e dispositivos. Essa prática é colocada em ação diante de imperativos de justificação, isto é, nas situações de indeterminação (problemas, crises, as falhas, controvérsias, inflexões, questionamentos, alertas), quando se é levado a investir algo – no sentido de uma economia de esforços, bens, competências – para extrair da cena aquilo que não é próprio das grandezas em questão (algo como eliminar os ruídos). Na lógica argumentativa que estou desenvolvendo, quando a validade da comprovação é questionada, pode-se perceber a necessidade dos investimentos para garantir que os princípios de equivalência sejam a “produção do conhecimento” e a “produção da entidade”.

Dito isso, para tratar da noção de ‘avanço’ praticada no cotidiano dos GTTs, desenvolvo uma breve reflexão sobre os imperativos de justificação (aquelas situações de questionamentos) que demandam comprovação para que essas grandezas dos GTTs sejam postas em ação e legitimadas. Dessa vez, a reflexão tem como base empírica importante as experiências, as anotações, os relatórios relacionados ao período em que fui coordenador de GTTs (2015-2017) e vice-presidente (2017-2019).

A noção ‘de avanços’ do CBCE na relação com os GTTs é compreendida não como uma ‘percepção iluminada’ de ‘um professor-pesquisador-associado’ que escreve, mas como a descrição de imperativos de justificação que capturam as pessoas no sentido de engajamento e, além, disso, dos repertórios de comprovação postos em prática/ação para aproximar os(as) envolvidos(as) a respeito dos princípios de grandeza ou de equivalência considerados. No quadro abaixo, sistematizo um conjunto de imperativos de justificação (aqueles que, segundo minhas aprendizagens ‘na gestão’ no/do Colégio, colocam ‘em cena’ uma indeterminação, um questionamento, um problema, uma falha, uma controvérsia, um alerta etc.) e, atrelado a eles, conjuntos de repertórios de comprovação (uma economia de esforços e de investimentos capazes de fazer as pessoas – coletivamente, no espaço público – estarem engajadas nos/pelos princípios de grandeza considerados, repelindo ou afastando os ruídos ou aquilo que ‘atrapalha’).

No quadro abaixo, inseri os repertórios de comprovação na forma de questionamento para destacar que não há ‘receitas prontas’, mas, tal como aprendi na coordenação dos GTTs e na Vice-Presidência do CBCE, possibilidades de ação (desdobramentos de imperativos que fazem fazer). Antes, contudo, de avançar na descrição do quadro, vale salientar que, em decorrência das

⁸⁹ Essa noção de comprovação emerge das obras de Boltanski, Thévenot (2020) e Boltanski e Chiapello (2009).

conversas proporcionadas pela mesa, durante o evento, foram acrescentadas colaborações de companheiras e companheiros, entre eles, Augusto Cesar Leiro, Beleni Salete Grandó, Cláudio Mandarinó, Edson Marcelo Húngaro, Lino Castellani Filho, Marcelo Russo Ferreira.

Quadro 2 – Sistematização de reflexões acerca da noção de ‘avanço’ do CBCE na relação com os GTTs.

Princípio de grandeza (os ‘lugares’ dos GTTs no CBCE)	Imperativos de justificação (aqueles que colocam ‘em cena’ elementos de incerteza e que, portanto, fazem fazer)	Repertórios de comprovação (economia de esforços e de investimentos capazes de fazer as pessoas – coletivamente, no espaço público – agirem)
<p>Produção de conhecimentos: ‘O lugar’ do GTT se dá no duro trabalho de organização dos eventos (Conbrace, Conice, Eventos Regionais, Programação na SBPC, Fórum de Pós-Graduação, Simpósios e diversos outros) e outras mobilizações (como organização de coletâneas e dossiês) orientadas por temáticas caras à Educação Física, tendo como referência o diálogo, a inter, a multi e a transdisciplinaridade, como um esforço constante de enfrentamento à fragmentação disciplinar, com os pés na intervenção pedagógica. Diz sobre o agrupamento de pessoas com ‘interesses comuns’, porém abertos para múltiplos questionamentos, abordagens e potencialidades de contribuições em termos de produção científica.</p>	<p>O tamanho e recursos dos GTTs: Equivaler discrepâncias de grupos em termos de tamanho, e relação com o número de grupos de pesquisas, com as redes de pesquisas, com as linhas de pesquisas nos PPGs, que constituem o Colégio/eventos.</p>	<p>A relação entre ‘autores recorrentes’ e ‘autores eventuais’ nos grupos ‘grandes’, ‘médios’ e ‘pequenos’ (GTT Movimentos Sociais)? Distribuir ‘recursos’ de maneira equivalente (custeio, espaços, tempos)? Critérios e indicadores de desdobramentos temáticos ou de encerramento temático? Comitês Científicos Ampliados? Coordenadores(as) adjuntos(as)?</p>
	<p>A heterogeneidade GTTs: Construir composições que aproximem Grupos Temáticos, por vezes muito distintos em termos de trajetórias, de problemáticas e modos de produção, de avaliação e de comunicação de conhecimentos científicos, considerando que tudo isso está em movimento.</p>	<p>Números de trabalhos aprovados e rejeitados? Tipos de trabalhos (em andamento, projetos, relatos, imagens, vídeos)? Formas de apresentação e de debates (comunicação oral, rodas de conversa, pôster)? Formas e critérios de avaliação? Números de avaliadores(as)?</p>
	<p>A densidade dos debates nos GTTs: Ampliar a densidade dos debates no sentido de criar condições para fazer avançar a produção de conhecimentos existentes a respeito das temáticas, prezando por abordagens inter, trans e multidisciplinares.</p>	<p>Mudar normas para trabalhos completos ao invés dos resumos expandidos? Mais tempo-espacos nos eventos? Trazer os(as) doutores(as)? Prêmios na forma de publicações de capítulos, artigos etc.? Mesas compartilhadas entre os GTTs? Números moderadores (as) das sessões e mesas?</p>
<p>Produção da Entidade: ‘O lugar’ do GTT como produção da entidade se dá no sentido de que esse ‘modo de pensar’ a produção de conhecimentos ‘se instala’ na organização administrativo-política para além dos eventos, como instâncias do próprio Colégio,</p>	<p>Os GTTs permanentes representativos: Gerenciar os GTTs como instâncias ‘não eventuais’, mas como instâncias acadêmicas, administrativas e políticas permanentes, atuantes ao longo da gestão, atento a critérios de capilaridade regional e de representatividades de coletivos.</p>	<p>Atenção à composição dos Comitês Científicos e Ampliados, com a definição de critérios relevantes para as temáticas? Administrar as ‘trocas de demandas’ entre GTTs, DN, Secretarias? Investir em tecnologias de bancos de dados, repositórios, tecnologias de comunicação e desenvolvimento de redes sociais digitais?</p>

<p>com seu regimento interno. Nessa relação, de um lado,</p>		
<p>os GTTs, com seus acúmulos e redes, têm a possibilidade de induzir 'a Entidade' a posicionar-se ou 'caminhar' em determinada direção; de outro a Direção Nacional tem a possibilidade de chamar, engajar os GTTs a produzirem elementos relevantes para a existência do Colégio, tendo em vista sua responsabilidade acadêmica e política na constituição da Educação Física e na garantia de direitos sociais num país tão diverso e tão implicado por discriminações</p>	<p>A autonomia e dos GTTs em relação à DN: Equilibrar a relação de interdependência entre DN e GTTs para que os grupos temáticos não figurem como instâncias autônomas (em alguns casos 'aparelhados') em termos de interesses e ações, mas simultaneamente que os imperativos de estrangulamentos não sejam impeditivos de ações orientadas pelos interesses singulares dos Grupos que constituem e se apropriam do GTT.</p>	<p>Construir e administrar uma agenda de trabalho comum entre os GTTs? Construir e administrar uma agenda de atuação marcada pelas demandas da DN? Constituir e administrar conjuntos de ações singulares, condizentes com os interesses 'do GTT'?</p>
	<p>A inter-relação entre GTTs e Secretarias Estaduais e Distrital: Fortalecer as interfaces com as Secretarias Estaduais e Distrital do CBCE no permanente trabalho de ampliação e representação regional da base de associados(as), não numa relação de prestação de serviços, mas da constituição de uma ação coletiva.</p>	<p>Trabalhar em conjunto com as Secretarias para desenvolver as bases regionais de associados (as)? Atuar na proposição, organização e avaliação de eventos regionais e outros temáticos, sabendo da importância destes como 'portas de entrada' na entidade? Manter em dia o pagamento das anuidades?</p>

	<p>A popularização do conhecimento científico: A produção científico-acadêmica atrelada ao enfrentamento das desigualdades e das discriminações, comprometida com a garantia do acesso, permanência, engajamento e titularidade dos/nos direitos sociais, em especial aqueles caros à Educação Física e Ciências do Esporte, ressaltando pressupostos da pedagogia decolonial, entendendo, estranhando e problematizando 'a ciência' como dispositivos de poder.</p>	<p>Estranhar as elites e, sobretudo, o elitismo científico? Trabalhar, no âmbito da DN, das Secretarias e dos GTTs, numa perspectiva mais assimétrica, reconhecendo e valorizando a capacidade crítica das pessoas? Reconhecer que as pessoas, no cotidiano de suas vidas, não são menos afortunadas ou que seus conhecimentos são menos válidos? Ampliar a presença do CBCE nas Universidades e nos espaços de intervenção? Engajar-se numa produção de conhecimentos que crie possibilidades concretas de enfrentamento de desigualdades e discriminações?</p>
	<p>Internacionalização do CBCE: Ampliar e fortalecer as colaborações permanentes de atores (pessoas, coletivos, redes, instituições) internacionais, com enfoque na América Latina e Caribe, para que o Conice seja representativo desse esforço, e para que o CBCE seja uma associação brasileira integrante de comunidades internacionais atinentes ao desenvolvimento da Educação Física.</p>	<p>Como escapar da situação em que o CONICE seja resultado apenas de convites para mesas e palestras? Como os GTTs podem receber e mobilizar 'atores internacionais' (pesquisadores(as), grupos, redes)? Como criar condições para que esses 'atores internacionais' acessem as atividades dos GTTs e os eventos?</p>

Fonte: elaboração própria

Uma vez apresentada a contribuição que pude apresentar – e também construir com as(os) companheiras(os) durante a mesa, no evento, a quem agradeço – tendo a entender a noção de avanço do CBCE e, nisso a relevante participação dos GTTs, como a maneira como os princípios de grandeza são colocados em prática, isso diante dos imperativos de justificação, mobilizando seus repertórios de comprovação. Os imperativos pontuados, tal como aprendi coletivamente ao longo de minha trajetória no CBCE, aqui organizadas por uma perspectiva específica da sociologia pragmática, são aquilo que capturam as pessoas, que produzem um senso de comunidade científica. Ter eles 'em mente' me parece relevante para pensar a entidade.

Por fim, reconhecendo que extrapolei o tempo programado para minha 'fala' – agradeço ao companheiro Augusto Cesar Leiro pela compreensão – encerro agradecendo a atenção de todos e todas. Fico à disposição para continuarmos as conversas aqui e noutros espaços. VIDA LONGA AO CBCE!

Referências

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *A justificação*: Sobre as economias da grandeza. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020.

- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOLTANSKI, Luc. *El amor y la justicia como competencias: tres ensayos de sociología de la acción*. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.
- CBCE. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. *Regimento dos Grupos de Trabalhos Temáticos*. Recife, 20 de setembro de 2007. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/regimento/gtts>. Acesso em: 21 ago. 2023
- HÚNGARO, E.M. *et al.* Balanço inicial da produção do GTT Políticas Públicas do CBCE (1997-2005): avanços, ausências e perspectivas. In: HÚNGARO, E.M.; SOUSA, W.L.L. (Orgs.). *Cultura, educação, lazer e esporte: fundamentos, balanços e anotações críticas*. Santo André: Alpharrabio, 2009. p. 93-123
- MALINA, A. *et al.* O estado da arte no referencial teórico dos trabalhos do GTT Políticas Públicas em Esporte e Lazer do CBCE. In: RECHIA, S. *et al.* (Orgs.). *Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2015.
- MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel. Esporte, lazer e educação física em etnografias: análise das produções do GESEF no GTT Lazer e Sociedade nos eventos do CBCE. In: VIVAN, Aline Tschoke; LARA, Larissa;
- ATHAYDE, Pedro (Orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*. Lazer e Sociedade, v. 10. Natal: EDUFRN, 2020. p. 47-66
- MYSKIW, Mauro. GTT Lazer e Sociedade: análises sobre a constituição de um espaço de estudos e de produção de conhecimentos. In: RECHIA, Simone *et al.* *Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física*. Unijuí: Editora UNIJUÍ, 2015. p. 369-391.
- SILVA, Júnior Vagner Pereira da. Perfil acadêmico, profissional e científico dos associados ao CBCE – GTT Lazer e Sociedade. In: VIVAN, Aline Tschoke; LARA, Larissa; ATHAYDE, Pedro (Orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*. Lazer e Sociedade, v. 10. Natal: EDUFRN, 2020. p. 95-115
- SILVEIRA, Raquel da. *Vivendo ciências: as (co)existências de diferentes ontologias científicas da educação física*. 431 f. 2016. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- STAREPRAVO, Fernando Augusto; NUNES, Ricardo Sonoda; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Agenda de pesquisas em políticas públicas de esporte e lazer: uma leitura a partir do GTT Políticas Públicas no XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. In: 16. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE; 3. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2009. *Anais...* Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. *Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico*. 422f. 2011. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

TSCHOKE, Aline. *Da Recreação e Lazer ao Lazer e Sociedade: as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer ligadas a área da Educação Física*. 199f. 2016. Tese (doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.